

**Encontro dos Irmãos SVD da Subzona Brasil
Curitiba, PR, 05-07/09/11.
“Em preparação ao XVII Capítulo Geral SVD”**



Introdução

Após ter refletido por alguns dias sobre a maneira mais adequada de assessorar este encontro, eu concluí que deveria começar com uma reflexão sobre o contexto maior da *Missão*, e não apenas centrar-nos na nossa Congregação, e por extensão, na vocação do Irmão verbita. Assim, a minha primeira palestra de hoje leva por título, “*Preparação ao nosso Capítulo Geral no contexto da Missão hoje*”. Varias fontes foram consultadas, das quais destaco o recente livro “*Prophetic Dialogue*” dos nossos confrades, Stephen B. Bevens e Roger Schroeder (ambos da província USC).

Nesta primeira fala vou concentrar-me mais no tema da *Missão*, compartilhando com vocês uma reflexão que não foi pensada somente para os Irmãos, pois a preparação ao Capítulo Geral é tarefa de todos os verbitas. Porém, os Irmãos poderão com certeza tirar proveito dos conteúdos aqui apresentados. Na segunda conferência sim, tratarei mais especificamente o Role (papel) dos Irmãos na missão, a partir do tema, “*Promover a Fraternidade na Missão*”. Outros assuntos, como o da *Formação dos Irmãos*, serão abordados amanhã, com vistas à revisão do programa de formação dos Irmãos no Brasil.

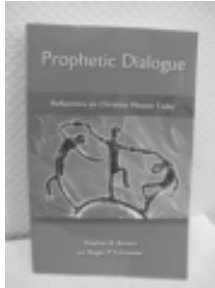
1. Preparação ao nosso Capítulo Geral no contexto da Missão hoje

Gostaria de começar com umas experiências que me surpreenderam. Quando eu cheguei a Roma, para o XV Capítulo Geral (2000), depois de ter sido eleito Conselheiro Geral, tive duas “surpresas teológicas”. A primeira tinha a ver com a idéia de que “Deus tinha uma missão”, a *Missio Dei* (EDV 1, n.34, fazendo eco da Encíclica Papal, *Redemptoris Missio*, n. 24). Até lá era claro para mim que Jesus Cristo tinha uma missão, e que ele continuava essa missão através da Igreja, além de outros meios (p.e. ação do Espírito Santo no mundo). Assim tive que fazer uma revisão da minha *percepção* da missão, não mais focalizada no protagonismo principal dos atores humanos na missão e sim no reconhecimento de que nós somos partícipes (secundários) desta missão, seja individualmente ou em comunidades.

A segunda “surpresa” veio da terminologia relacionada com o “diálogo profético”. No começo, devido ao meu conhecimento limitado do inglês, pensava que o diálogo fosse com o mundo (*Dialogue with the world*), o que fazia mais sentido para mim naquele tempo. Mas, tive que admitir que se tratava do diálogo com o Verbo (*Dialogue with the Word*), para enfatizar o diálogo com o Verbo através dos encontros com os demais a partir da experiência de fé, reconhecendo a sua presença neles e em nós. Dali por diante, insistiu-se na espiritualidade marcada pelo “diálogo”: uma atitude de escuta atenta, respeitosa e de uma resposta viva a essa Palavra/Verbo. Depois veio a coletânea “*Em Dialogo com o Verbo*”, cujo último número (10) foi publicado o ano passado.

Nesse meio tempo, “muita água passou por baixo da ponte”, com reflexões missionárias que tentavam esclarecer, não só o aspecto teórico do “diálogo profético”, mas também a sua prática concreta na missão verbita “*ad extra*” e “*ad intra*”. Recordemos aqui o XVI Capítulo Geral (2006), quando escolheu cinco aspectos importantes da nossa vida religiosa e missionária: *Espiritualidade*,

Comunidade, Liderança, Finanças e Formação. Quanto se avançou na implementação do diálogo profético a partir delas, ao nível da SVD? Difícil dizê-lo com certeza... Porém, tenho a impressão, depois das últimas visitas gerais e dos relatórios provinciais em preparação ao nosso próximo Capítulo Geral, que há uma consciência progressiva no valor do *diálogo profético* como prática missionária, embora menos como *vida consagrada* para a missão...



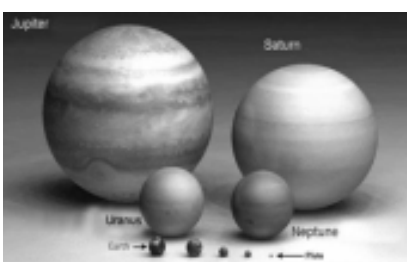
Voltando ao ponto principal desta palestra, eu gostaria de compartilhar algumas reflexões que acho apropriadas na nossa preparação ao próximo Capítulo Geral SVD (2012). Para tanto, vou “pedir emprestadas” algumas intuições e reflexões dos nossos confrades S. Bevans e Roger Schroeder, no seu último livro “*Prophetic Dialogue*”, *Reflections on Christian Mission Today*, Ed. Orbis Books, 2011. (Ambos autores já publicaram em 2004, *Constants in Contexts, a Theology of Mission for Today*).

Por que esta escolha? Porque acredito que os textos tratam com maior nitidez de alguns aspectos do diálogo profético, como praxis missionária, mas sobre tudo, como atitude fundamental na missão. No primeiro livro, (*Constantes en Contexto, Teología para la Misión Hoy*, Ed. Verbo Divino, 2009), eu gostei da metodologia de reflexão; as *Constantes* (Jesus Cristo, Igreja, Reino de Deus, Bíblia, Trindade, etc.), são colocadas nos diferentes *Contextos* históricos e culturais nos quais acontecia a missão. Por exemplo, fala-se do início da missão eclesial a partir do mundo judeu, logo houve um processo de abertura aos gentios (Samaritanos, Helenistas, povos da Ásia menor, povos europeus, etc.). O livro de referencia é *Atos dos Apóstolos* (título, aliás, questionado), pois durante a narrativa dos Atos vemos os Apóstolos em ação, mas sobre tudo, é *Deus* quem atua neles!

Outro aspecto que me fez apreciar este primeiro livro foi a sua “visão abrangente” da missão, não só restringida à missão *Católica*, mas também incluindo vários dados históricos da prática missionária e da teologia *Protestante*. No fim, uns e outros, devemos reconhecer que a *Missio Dei* é muito mais ampla que tudo quanto Católicos e Protestantes possamos fazer juntos. Além do mais, esta *Missio Dei* começa antes do Antigo Testamento (AT). De fato, a nossa fé reconhece a existência de Deus Pai e Criador, *como uma fonte de amor transbordante e vivificante* (*Ad Gentes*, 2), que chamou a humanidade a participar da plenitude da vida e do amor de Deus. Nesse sentido, a criação inteira expressa a *primeira* palavra de Deus, seguida da *segunda*, o AT e sobre tudo, a *terceira*, o NT, quando “chegou a plenitude dos tempos” (Gal 4,4), e o *Verbo se fez carne* (Jn 1, 14). Poderíamos acrescentar ainda que após a ressurreição de Jesus de Nazaré, o Espírito Santo continua “revelando” a palavra de Deus na Igreja e no mundo...

2. Olhar para além do nosso nariz...

Para termos uma idéia da amplitude desta *Missio Dei*, eu gostaria de mostrar-lhes alguns slides (Power Point) sobre a *criação do universo* e a sua *evolução* no tempo, tiradas do interessante PPT *A New Story of Creation* (*Uma Nova Historia da Criação*), preparado por Sean McDonagh, SSC & Leonor de La Santa, FMM (Assisi, Italia, maio de 2009). Trata-se de um sacerdote missionário dos Servos do Sagrado Coração (SSC) e de uma Missionária Franciscana (FFM) e ambos estão muito engajados em assuntos de Justiça e Paz e Integridade da Criação (JUPIC).



(O tamanho relativo dos planetas)

Como vocês puderam notar, os autores deste *Power Point* chamam a nossa atenção sobre a vastidão do universo, a sua complexidade, e a nossa co-responsabilidade no mundo. Trata-se de começar pela admiração (contemplação!) do amor criador de

Deus, passando pela evolução da natureza e dos seres humanos até a leitura crítica dos novos “sinais dos tempos” (gritos da terra e dos pobres), para chegar a um engajamento missionário em favor da *ecologia* (JUPIC). A participação nesta missão nos põe em contato com gente muito diferente (do ponto de vista das crenças, ideologias ou culturas, etc.) com os quais podemos praticar o *diálogo profético*.

Do que mencionei acima, podemos ver que a missão hoje não pode ficar só para “aquém do nosso nariz” (p.e. as preocupações pastorais imediatas, da SVD, etc.), mas que deve levar em conta também a urgência de preservar a integridade do nosso planeta, se queremos ter um futuro como seres humanos. Recordemos que já varias ONGs estão trabalhando com essa finalidade (p.e. *Greenpeace, Fórum Social Mundial, Vivat International*, entre outros). Qual a nossa colaboração?

3. A Missão tem uma Igreja

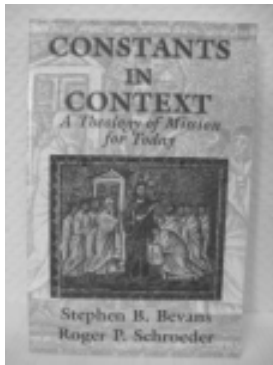


Não, não se trata de um erro de digitação. Este é o título do primeiro capítulo do recente livro “*Prophetic Dialogue*” dos nossos confrades S. Bevans e R. Schroeder. A reflexão deles parte da convicção de que Deus é um ser dinâmico, o qual deveria ser descrito não tanto como um *substantivo*, mas como um *verbo*. Dali que toda a criação reflete a ação, o movimento, a “dança” do nosso Deus. Ele “cria” os seres humanos, convidando-os também a cuidar da terra (cf. Gn 1, 26-27), um modo de participar na *sua* missão. Além disso, os autores percebem que Ele não *tem* uma missão, mas que *é* missão, expressada no seu amor que se difunde na criação, redenção e salvação dessa criação. “*Deus é como uma fonte da qual sempre flui água viva, versada sobre a terra através do Espírito Santo, fazendo parte da criação por meio do Verbo-feito-carne*” (cf. p. 10).

Deus se faz presente no mundo, mas ao mesmo tempo, o transcende através do seu Espírito, o qual é percebido, mas não pode ser “amarrado”, pois é livre como o vento. Esta “*Ruah*”, alusão *feminina* dada ao Espírito Santo, “acompanhou” a criação inteira, “falou” pelos profetas do AT e produziu o milagre da encarnação do Verbo (Lc 1, 35-38). Logo, inspirou a vida de Jesus de Nazaré, sobretudo, a sua missão de proclamar a *Boa Nova* do Reino de Deus (Lc 4, 16-30). Mais tarde, animou a Igreja a dar “continuidade” à missão de Jesus Cristo (Ac 2, 1-11). Dali é que vem a intuição de que a *Missão tem uma Igreja*, pondo ênfase no papel principal de Deus na Missão (EN n. 75) e a participação secundária da Igreja. De fato, o Espírito Santo age de diferentes formas: na Igreja Católica, nas outras Igrejas e no mundo. Um exemplo desta “liberdade” do Espírito Santo nós encontramos nos Atos dos Apóstolos, ao narrar a “conversão de Cornélio” (Ac 10, 1-48) a qual foi ao mesmo tempo uma grande *conversão* de São Pedro, e da Igreja *judeu-cristã* daquele tempo.

No livro *Prophetic Dialogue* (cf. p. 11), os autores, ao descrever o *Espírito Santo* com traços *femininos*, mencionam um livro muito interessante, “*A Cabana*”, de William P. Young. Eu tive a oportunidade de lê-lo em 2009, quando estava repousando alguns dias na Ilha Comprida, perto de Iguape, SP, após as visitas gerais de BRS e BRC. Trata-se de uma “novela”, mas com algumas intuições teológicas muito boas. No fundo, questiona a imagem “patriarcal” ainda muito difusa entre os cristãos, o estereotipo de Deus “branco”, velho, alheio ao acontecer do mundo. (De fato, o autor o descreve como uma *mulher, Afro-americana*, que gosta de música, e que cozinha (*mãe*), da mesma forma no final, ele é apresentado também como um *homem*, como um *pai*). Jesus é representado mais ou menos como muitos o imaginam (homem, carpinteiro, etc.), valorizando a sua humanidade. Mas, o Espírito Santo é descrito com características muito *femininas*, com um perfil asiático, como alguém que gosta de trabalhar no jardim, e que “revela” muitas verdades sobre a vida...

4. A serviço do Reino de Deus



No seu livro, “*Constants in Contexts*” (2004), os mesmos autores começam o primeiro capítulo com outra “terapia de choque”, quando afirmam, “*Uma das coisas mais importantes que os cristãos devem saber sobre a Igreja é que a Igreja não é de máxima importância*” (cf. p. 7). Com isto não se quer negar a sua origem divina, nem o seu papel de “sacramento universal de salvação” (LG 48; AG 1). A questão é que ela não constitui um fim em si mesma, mas que deve apontar para além dela, para o Reino de Deus. Nisso a Igreja segue o exemplo de Jesus de Nazaré, que não pregou a si mesmo, mas o Reino de Deus, incluindo o Deus desse Reino, que nos Evangelhos, especialmente em São João, é identificado como “ABBA”, Pai (cf. Jo 4,21).

Por isso, a Igreja está a serviço do Reino de Deus por meio da sua participação na missão, expressada no anúncio da Boa Nova, nos serviços sociais que presta, na liturgia que celebra, na catequese, no testemunho de fé na vida quotidiana, entre outras iniciativas. Assim, o Vaticano II, no decreto *Ad Gentes* afirma, “*A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na «missão» do Filho e do Espírito Santo*” (AG 2). Com relação a este tema, o livro “*Prophetic Dialogue*” (2011, p. 16) diz, “*Nós somos mais Igreja, não quando construímos a Igreja, mas estamos fora dela: sendo bons pais de famílias, diligentes e honestos nos nossos lugares de trabalho, tratando com carinho aqueles que estão ao nosso cuidado (doentes), compartilhando nossos recursos com os necessitados, engajados na justiça social, etc.*”

Evidentemente, isto não quer dizer que a Igreja não precisa de templos e de salas para a catequese ou para outras atividades pastorais/sociais. Precisa sim, mas sempre com vistas à sua missão, no contexto local e além dele! Por exemplo, hoje na América Latina, a Igreja local deveria investir mais energias na preparação dos leigos para que eles possam responder adequadamente à sua missão de serem “*Discípulos e Missionários*” do Senhor (cf. DA, nn. 174; 209-212). É interessante notar como o DA põe ênfase na missão dos leigos “no mundo” e só em segundo lugar, fala da sua contribuição “interna” (liturgia, outras formas de pastoral, etc.). Menciono isto, pois às vezes, tenho a impressão que alguns confrades estão mais preocupados em “encher” a Igreja, pedindo aos leigos que o ajudem na sua missão, do que ajudar os leigos na missão deles...

5. Missão como Diálogo

Como deveríamos participar na missão? *Todos* (religiosos, sacerdotes, leigos/as), deveríamos participar na missão que Deus nos confia com uma atitude de respeito, de amor e de solidariedade para com aqueles que encontramos no nosso caminho. Trata-se de uma atitude dialógica, sabendo que Deus também está na vida dos outros, que Ele já chegou lá, na casa dos que visitamos, antes da nossa chegada. Por isso, deveríamos “tirar as sandálias” (como fez Moisés, ao sentir-se na presença de Deus – cf. Ex 3, 5) nos encontros com os demais na missão. Também nos ajudaria um comportamento que valorize a participação dos outros, quer dizer, trabalhar menos para os outros e mais (sobretudo) com os outros. Isto implica necessariamente uma escuta atenta aos outros, de Deus que nos fala através deles e às circunstâncias da vida; o que requer mais “contemplação” e menos ações solitárias, e sobretudo, menos ativismo!



Na nossa Congregação (SVD) estamos trabalhando cada vez mais em contextos missionários “multiculturais”, devido em parte à migração interna do povo ou às imigrações do exterior. Inclusive, as nossas comunidades verbitas tornam-se cada vez mais interculturais e internacionais. Por isso, o tema do próximo Capítulo Geral (2012) “*De todas as nações, povos e*

línguas: compartilhando vida e missão interculturais” é muito atual. Recordemos que, desde o ano 2000, nós Verbitas estamos tratando de viver e trabalhar numa perspectiva de *diálogo profético*, com alguns avanços, mas também com várias dificuldades na implantação deste paradigma missionário.

Por tal motivo, o “*Resumo Interpretativo*” (cf. P01/2011) que foi enviado às províncias/regiões em Janeiro deste ano, oferece algumas pistas valiosas para melhor refletir sobre a nossa prática missionária a nível local e provincial. A que ponto estamos, nesta fase preparatória? Em base às respostas das províncias e regiões, o próximo Capítulo Geral procurará alcançar um “consenso” sobre um *plano de ação missionária* para a SVD. Obviamente, a implementação do mesmo dependerá dos contextos missionários e culturais das províncias.

Agora, gostaria de acrescentar a este tema algumas *imagens da missão como diálogo*, tiradas do livro “*Prophetic Dialogue*” (ed. 2011, pp. 31-33). A primeira corresponde ao “*caçador de tesouros*”. O missionário/a, quando vai ao encontro dos outros, especialmente se eles moram num contexto cultural diferente, traz certamente a sua experiência de fé, o seu “tesouro”, mas ele/a deve procurar antes de tudo o “tesouro” que Deus “escondeu” na vida do povo ao qual foi enviado/a. Isto significa uma dura tarefa de conhecer os “mapas” do lugar (língua e cultura), para descobrir aos poucos a presença dos valores do Reino naquele povo, na sua cultura e vida quotidiana. No final, tanto o/a missionário/a quanto os outros serão enriquecidos por essa “troca de experiências”, pela mútua estima e cooperação no Reino de Deus.

A segunda e terceira imagens (*hóspede e estrangeiro*), de alguma maneira complementam a primeira, pois sugerem respeito pelos que acolhem os missionários como hóspedes e estrangeiros. Isto se nota especialmente nas culturas africanas e asiáticas onde o hóspede é muitas vezes visto como aquele que traz uma *bênção* de Deus (cf. Gn 18, 1-15). Ainda, o fato que o/a missionário/a é um/a estrangeiro/a, requer deste/a uma atitude de escuta, de respeito, *antes* de falar. (Eu me lembro que no Togo, África, um dos conselhos aos novos missionários era de escutar, ver, perguntar muito, especialmente na fase inicial, durante o primeiro ano, antes de falar muito). Às vezes isto trouxe consigo uma experiência de limitações, de necessitar do “outro”, deixar-se corrigir, tanto na língua como no trabalho missionário. Em contrapartida, esta “*kénosis*” (Flp 2,5-11) muitas vezes produziu frutos positivos: uma melhora na comunicação, uma reflexão mais objetiva e um engajamento missionário mais comunitário.



A última imagem da missão como prática do diálogo é a do *visitante no jardim do outro*. Obviamente, aqui não se trata daquelas “com a finalidade de praticar delitos...”, e sim daquelas que fazemos aos amigos, vizinhos e outras pessoas. “*Entramos no jardim dos outros não para comparar a sua beleza e variedade com o nosso, e sim para apreciar outra maneira de cultivar, um outro modo de fazer os canteiros para as flores, ou para as hortaliças, um jeito diferente de podar e capinar*” (cf. p. 33). Portanto, a atitude básica é sempre aquela do respeito, da abertura para aprender do outro, de saber “maravilhar-se” perante algumas coisas novas e interessantes. No decorrer da visita, pode acontecer que vejamos algumas ervas “estranhas”, que facilmente podemos considerar “capim”. Mas, atenção! Não poucas vezes, o dono do jardim considera essas plantas como “ervas medicinais”. E daí? (Aliás, isto é uma coisa muito freqüente no jardim da minha mãe!). Assim, do ponto de vista da fé, o jardim pode representar a vida/comunidade/país dos outros, com os seus valores culturais, mas também com as suas limitações, com sinais da presença e ausência de Deus...

6. Missão como Profecia

Quando falamos da missão como *profecia*, nos lembramos quase espontaneamente dos *profetas* do AT (p.e. Amos, Isaías, Jeremias, Ezequiel, etc.). Por extensão, também fazemos memória do grande profeta do NT, Jesus de Nazaré, o qual foi igualmente reconhecido pelos discípulos como o Messias e o Filho de Deus (Mt 16, 17), e posteriormente como Deus (Jn 1,1; 20, 28). Note-se que o profeta não somente “proclama” a palavra de Deus, ele primeiro a “escuta” nos acontecimentos quotidianos ou nas situações de maior envergadura (p.e. crise sócio-política do país, desastres ecológicos, etc.). A percepção desta palavra de Deus é possível sobre tudo graças à “familiaridade” do profeta com Deus na oração/contemplação. Nesse sentido, Jesus procurou momentos de intimidade na oração com o seu *Pai* (Mc 1, 35-39), para discernir a sua missão...

Missão como profecia fala também do *testemunho* de vida do profeta (ou da comunidade profética), em conformidade com a vontade de Deus. Assim, o Papa Paulo VI, já em 1975, dizia que “o primeiro meio de evangelização é o testemunho de uma vida autenticamente cristã” (EN, n. 41). Logo, os profetas também proclamam uma palavra que não lhes pertence, pois ela pertence a Deus. Anunciam o “futuro de Deus” para a humanidade, baseados nas promessas de Deus, não nas capacidades próprias. Assim, os cristãos *anunciam* a vida, morte e ressurreição de Jesus como a *Boa Nova* que dá sentido à existência humana. Mas igualmente, eles como nós, *denunciamos* aquilo que na vida pessoal e social não está em sintonia com os valores do Reino de Deus. Como vocês sabem, a história latino-americana nas últimas décadas teve muitos *mártires* devido ao seu trabalho em favor dos pobres e contra a injustiça social. Recordemos alguns deles: Pe. Josimo Tavares, Dom Oscar Romero, Sr. Chico Mendes, Ir. Dorothy Stang, Dom Enrique Angelelli, etc.



Neste contexto, gostaria também de partilhar algumas *imagens de missão como profecia*, contidas no livro *Prophetic Dialogue* (ed. 2011, pp. 48-52). A primeira é a do *mestre*. Embora esta imagem possa dar-nos a impressão de um “ensinamento unidirecional”, há também a possibilidade de que essa profissão seja exercida no *diálogo* (cf. EDV 10). De fato, o mestre/professor pode suscitar a participação criativa dos alunos, motivá-los a compartilhar as suas experiências e reflexões, com o qual se cria um ambiente educativo apropriado. Mas a figura do mestre também está relacionada à capacidade que ele tem em dar testemunho daquilo que crê, levando uma vida coerente com esses valores e a autoridade com que ensina (conhece bem a matéria que ensina).

A segunda imagem é aquela do *contador de estórias*. Um bom contador de estórias é alguém que sabe entreter, que cria expectativa nos ouvintes, vontade de escuta. Assim, podemos lembrar o fascínio das fábulas (p.e. Jz 9, 8-15 – “*Certo dia as árvores se puseram a caminho para ungir um rei...*”; ou aquela estorinha do profeta Natã, quando denuncia o comportamento incorreto do rei David (cf. 2 Sm 12, 1-7). Outros narradores fizeram também história (p.e. Esopo com as suas fábulas, usando o simbolismo dos animais – A formiga e o Besouro, a Lebre e a Tartaruga, etc.) E que dizer de Jesus de Nazaré, quando contava as suas parábolas? (p.e. O Filho Pródigo, o grão de mostarda, a semente que cai no chão, os convidados ao banquete do rei, entre outras). Jesus fez delas um meio privilegiado para anunciar o Reino de Deus e denunciar comportamentos injustos.

A última imagem de missão como *profecia* (segundo o livro citado), é a *guia de trilhas*. Trata-se de alguém que conhece bem a arte de caminhar por sendas pouco conhecidas, ou de um percurso difícil. Estes guias sabem *ler* os “sinais” de perigo (p.e. eventuais tormentas que se aproximam, terrenos escorregadiços na trilha, precipícios, etc.). Estes/as guias sabem como *manter* o grupo de caminhantes no rumo certo que leva ao destino previsto. Pelas próprias experiências,

eles/as podem *animar* aquelas pessoas que se desanimam ao longo do caminho. O *guia de trilhas* reconhece que há *ritmos* diversos nos caminhantes e às vezes *motiva* os companheiros a ajudar os que fraquejam.

Esta imagem ilustra bem o *papel profético* dos cristãos, como indivíduos, mas também como comunidade eclesial no mundo. Na Igreja primitiva, os cristãos eram reconhecidos como pessoas do “Caminho”, discípulos daquele que é *O Caminho* (Jo 14,6), por isso também hoje podem partilhar essa experiência com outros no caminho da vida quotidiana, dando “razões da esperança que os anima” a todos aqueles que a pedirem (cf. Pd 3, 15). Com isto fica igualmente claro que o *guia de trilhas* não é a única pessoa que conhece o percurso, pois já outros o fizeram antes (tradição eclesial). O importante é que ele saiba motivar outros a conhecer Jesus Cristo e os valores do seu Reino para assim dar um sentido mais pleno à vida, apesar da experiência de dor, frustração e morte...

Conclusão

A preparação ao próximo Capítulo Geral (2012), deveria ter como “pano de fundo” a *Missio Dei*, mais ampla do que às vezes imaginamos e da qual participamos, graças ao amor de Deus que nos convida a tomar parte dela. Nesse sentido, tomamos consciência da necessidade de “somar forças” com outros/as “convidados/as” a essa missão, identificada muitas vezes com o Reino de Deus. A nossa Congregação, entre outras instituições eclesiais e sociais, é chamada a servir a este Reino, especialmente através do seu testemunho de comunidades interculturais, um sinal da *inclusividade* e abertura à *diversidade* deste Reino (cf. EDV 6, n. 6). Com esta experiência, estamos chamados a construir “pontes” entre os diferentes grupos sociais a fim de melhorar este mundo.

Algumas vezes o contexto missionário nos exigirá acentuar mais o aspecto “dialógico” da missão, e outras vezes aquele “profético”. Assim, a prática do *diálogo profético* na missão, combina uma atitude de *respeito* pelos parceiros do nosso diálogo com uma *ação profética*, baseada no Evangelho de Jesus Cristo. A complexa realidade do mundo, com cidades tornando-se cada vez mais multi-étnicas, com emergências de conflitos raciais e situações de pobreza, representa um grande desafio para a missão atual. Não obstante, não podemos esquecer tantos indivíduos e grupos humanos, participantes de uma comunidade de fé ou não, que colaboram com a missão de Deus no mundo. Que o Espírito Santo nos anime sempre nesta missão compartilhada!



Roma, 30 de agosto de 2011.

Ir. Alfonso J. Berger (ROM)